



Um apelo de Sarney, pela Aliança.

Preservar a Aliança Democrática, reabrir as negociações entre o PMDB e o PFL e conseguir a votação do regimento interno da Assembleia Nacional Constituinte, a partir do dia 10 de março: este foi o entendimento a que chegaram anteontem à noite o presidente da República, José Sarney e o presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte, Ulysses Guimarães.

O encontro entre os dois foi na residência de Ulysses, onde Sarney compareceu para cumprimentar dona Mora Guimarães, que aniversariava. "Precisamos ficar juntos. Precisamos trabalhar juntos, dr.

Ulysses, porque senão quem vai sofrer é o nosso Brasil", disse Sarney a Ulysses, que concordou e tomou providências imediatas, promovendo o encontro da tarde de ontem entre os líderes do PFL, José Lourenço, e do PMDB, Luiz Henrique (ver matéria acima).

Na quarta-feira, estiveram também na residência de Ulysses, além de Sarney e outras autoridades, os ministros do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, das Relações Exteriores, Abreu Sodré, da Fazenda, Dílson Funaro, da Previdência Social, Raphael de Almeida Magalhães, da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, e da Administração, Aluízio Alves.

A grande preocupação do presidente Sarney é a preservação da Aliança Democrática e a promulgação de uma Constituinte que seja resultado de consenso. "Nuvens negras pairam sobre a Aliança Democrática", teria dito Sarney, ontem, ao receber pela manhã alguns parlamentares para discutir o impasse para a votação do regimento interno da Constituinte, em função da retirada de plenário da bancada do PFL, o que provocou falta de quórum.

Segundo Sarney, esse episódio reforça a necessidade de entendimentos entre os políticos e de criação de novos "caminhos informais" para negociar um acordo. Seu medo é que a discussão em torno do regimento se arraste por mais tempo e desgaste ainda mais a Aliança Democrática, segundo informou o senador Gerson Camata (PMDB-ES), que também esteve no Planalto.

Sarney previu, em sua conversa com os parlamentares, que a situação tende a agravar-se quando forem discutidos os temas que envolvem interesses diretos do Executivo. "A Constituição precisa ser resultado de um consenso. Ao final dos trabalhos constitucionais não poderemos ter uma Carta dividida entre os que apóiam e os que são contra. Ela deve ser fruto de um consenso", disse o presidente da República.

Início de reaproximação

"Precisamos conversar", disse Ulysses ao líder pefelista José Lourenço, ao convidá-lo, ontem, no início da tarde, para a reunião com o líder do PMDB, Luiz Henrique, em sua residência oficial, no Lago Sul. Ulysses, no dia anterior, mas antes da conversa com Sarney, dissera, bem-humorado, a José Lourenço, que os dois iriam "para o confronto".

Pouco antes das 17 horas de ontem, indagaram de Luiz Henrique se iria também participar da reunião com Ulysses e José Lourenço e ele respondeu: "Que reu-

nião? Não sei de nada. Quem disse isso?" Pouco depois ele foi chamado ao telefone e voltou com outra conversa: "O dr. Ulysses confirmou a reunião. Fui convidado e irei".

O próprio Ulysses, enquanto isso, procurava minimizar a crise, e chegou a negar a possibilidade de rompimento da Aliança Democrática em função disso. "Abalos são normais nas alianças: é como briga de casal, que não dá em divórcio nem dá em desquite."

Advertiu, contudo, que o regimento interno existe para resolver e não para tornar as coisas insolúveis: "Se o próprio regimento já constitui um impasse, é a negação da condução dos trabalhos da Constituinte".

Sobre as possíveis turbulências que terá de enfrentar na condução das votações futuras da Constituinte, Ulysses afirmou que sempre vai procurar entendimentos prévios. Mas não quis antecipar como será solucionado o impasse do regimento interno. "Detesto impasses, mas acredito que quem procura encontra. Não estou falando em tira artigo ou põe artigo; falo em entendimento político. Havendo essa vontade, como verifico em todas as correntes, chega-se ao entendimento."

Animosidades

Antes, porém, de terem sido feitos os convites à reunião dos líderes na casa de Ulysses, em busca de um entendimento na Aliança Democrática, os ataques de pefelistas ao PMDB continuaram intensos. "Na Assembleia Nacional Constituinte não existe Aliança Democrática", afirmava, irredutível, o líder do PFL, José Lourenço, no que foi apoiado pelo peemedebista Roberto Cardoso Alves (SP). "A Aliança existe para apoiar o governo e não o PMDB. Continuamos apoiando firmemente o presidente José Sarney, sem as vacilações do PMDB", acrescentou José Lourenço.

O próprio presidente do PFL, deputado Maurício Campos (MG), engrossou o volume de críticas ao PMDB, afirmando que "a Aliança Democrática existe para dar sustentação ao governo do presidente Sarney e não para acompanhar as loucuras do PMDB na Constituinte". Segundo ele, no episódio da votação do regimento interno da Constituinte, o PMDB "mostrou que tem segundas intenções que os pefelistas não puderam aprovar".

Maurício disse que a saída do PFL do plenário "não significou nem poderia significar o rompimento do partido com o governo Sarney". Mas admitiu que os liberais pressionam suas lideranças no sentido de encaminhar para a oposição, tanto ao PMDB quanto ao governo: "Se fizéssemos uma convenção hoje, a maioria diria que o caminho para o PFL é o da oposição".

Além disso, a briga PMDB-PFL também se refletiu na viagem que o presidente Sarney fará a Salvador, no próximo dia 7 de março: a bancada baiana do PMDB anunciou que se recusa a acompanhar o presidente para participar da inauguração da Casa de Jorge Amado, em repulsão ao fato de terem sido indicadas duas pessoas do PFL para cargos importantes na área federal: a presidência da Chefia e uma assessoria no Gabinete Cível da Presidência da República.